

Padre Cleiton Silva

OS LAÇOS

entre NÓS

*Dicas para superar as
crises no matrimônio*



*“Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe,
se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne.”*

Gênesis 2,24

*“Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe
e se ligará à sua mulher, e serão ambos uma só carne.’
É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo
e sua Igreja. Em resumo, cada um de vós ame a sua mulher
como a si mesmo e a mulher respeite o seu marido.”*

Efésios 5,31-32

*A meus pais, Eliseu e Neci, dedico as páginas que seguem.
Nos seus mais de cinquenta anos de matrimônio dão testemunho
da perseverança em meio às alegrias e tristezas,
na saúde e na doença, todos os dias de suas vidas.*

*Aos inúmeros casais com os quais pude partilhar
e verificar muitos dos conselhos aqui presentes.
A vocês, minha oração e minha alegria
por perseverarem na vocação ao amor.*

*Agradecimento muito especial e particular
a cada casal das Equipes de Nossa Senhora,
do Encontro de Casais com Cristo
e da nossa Pastoral Familiar na
Paróquia São Pedro Apóstolo.*

Sumário

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução | 11 |
| I – O que herdamos de nossos pais? | 15 |
| Caráter | 15 |
| Cultura..... | 18 |
| Medos | 20 |
| Caráter, cultura, medo e o auxílio do cônjuge | 22 |
| Anote aí | 22 |
| II – Você acha que seu cônjuge mudou demais? | 25 |
| No princípio não era assim..... | 26 |
| Mudanças que acontecem..... | 28 |
| Fidelidade exige mudanças..... | 30 |
| Anote aí | 32 |
| III – Por que brigamos tanto? | 33 |
| Se até o crime é organizado... .. | 34 |
| Evandro e Cássia e seus vícios no matrimônio | 35 |
| Quais remédios para esses vícios? | 38 |
| Anote aí | 40 |
| IV – Quem nos influencia? | 43 |
| Coração confuso, decisões desastrosas | 44 |
| Quem se alegra com sua infelicidade? Os riscos da inveja não identificada..... | 45 |

| | |
|-------------------------------------------------------|----|
| Onde está a cobiça, aí está a insatisfação..... | 48 |
| Anote aí | 49 |
| V – Existe vida após o adultério?..... | 51 |
| As múltiplas feridas contra a fidelidade..... | 52 |
| Alex, as diferenças e a traição | 53 |
| Tentando organizar o caos | 56 |
| Errar é humano e perdoar é humano também | 57 |
| Anote aí | 59 |
| VI – Se eu me divorciar, o que irei fazer? | 61 |
| “Quero malhar, cuidar da saúde e me divertir” | 62 |
| O que seu casamento tem tirado de você? | 64 |
| Sem conclusões, apenas meu abraço e minha prece | 67 |
| Oração matinal do casal..... | 68 |
| Um livro de diálogo on-line e off-line! | 71 |

Introdução

Entre 2014 e 2015, vivemos um momento muito intenso em relação à importância e à evangelização das famílias: o Sínodo dos Bispos sobre a Família, depois chamado apenas de *Sínodo das Famílias*, realizado em duas assembleias (2014 e 2015). O resultado desse imenso trabalho não foi apenas a belíssima exortação apostólica *Amoris laetitia* de Francisco, sobre o *amor na família*, mas a tomada de consciência de que o futuro da evangelização passa pela *saúde da vida familiar*.

O Sínodo da Família e a *Amoris laetitia* ofereceram um ponto de convergência a múltiplos esforços que já estavam em andamento em tantas comunidades e movimentos que se sensibilizavam sobre a situação das famílias nos dias atuais, bem como fomentaram o interesse em pesquisar as condições humanas, psicológicas, antropológicas, culturais e espirituais que permitem uma vida familiar equilibrada e despertaram em tantos agentes de pastoral o interesse por um maior aprofundamento deste tema.

Desde o Sínodo das Famílias, período em que eu concluía meu doutorado em Teologia Moral, vinha procurando tirar do tesouro desse campo do conhecimento coisas novas e velhas (cf. Mateus 13,52) que pudessem ajudar os casais em crise conjugal e familiar. A insistência do Papa Francisco em discutir o tema família na sua realidade concreta me incentivou a pensar em um

texto em que casos reais fossem iluminados pelo patrimônio da Teologia Moral e da espiritualidade.

Os laços entre nós: dicas para superar as crises no matrimônio não é um texto de teologia do matrimônio nem de autoajuda para casais, mas é fruto da busca em iluminar as situações concretas¹ de crise conjugal pelo exercício de questionamento, avaliação e discernimento. As crises tendem a nos deixar paralisados e a bloquear nossa capacidade de reação. Como disse o Papa Francisco, nas crises: “[...] as pessoas isolam-se para não mostrar o que sentem, trancam-se em um silêncio mesquinho e enganador. Nesses momentos, é necessário criar espaços para comunicar de coração a coração” (cf. *Amoris laetitia*, n. 234).

É provável que a principal contribuição deste livro não esteja nas respostas que tenta dar a alguns problemas e dificuldades da vida conjugal. Creio que as questões oferecidas aos cônjuges trarão uma possibilidade de arejar seu pensamento, distanciar-se para poder observar melhor e, assim, abrir portas para que o silêncio da mágoa possa dar lugar ao silêncio da reconciliação. Questionar, avaliar e discernir permitirão olhar para a crise com mais coragem e esperança.

Nas crises conjugais o acompanhamento, pastoral e espiritual, é muito importante, basta conferir o que indica o capítulo 6 da *Amoris laetitia*. A leitura deste texto não tem condições de substituir um acompanhamento desse tipo, mas pode ajudar os esposos a perceberem a partir de quais pontos devem iniciar o trabalho de reconciliação.

¹ O autor tem consciência do seu dever de sigilo quanto ao conteúdo das confissões, conforme o *Código de Direito Canônico* estabelece (cf. cân. 1388). As situações concretas apresentadas no livro correspondem a casos típicos dos conflitos dos casais, não têm a ver com memórias do autor. Ao longo do texto, recorre-se a expressões como “lembro-me” ou “recordo”, mas com a função de envolver o leitor; trata-se apenas de um recurso estilístico, literário, e não histórico.

Ao longo do meu tempo como padre, nunca me coloquei na condição de dar respostas prontas que resolvessem os problemas. Há coisas que quem está de fora não pode fazer, e que somente eles e Deus conseguem resolver. Este texto quer muito mais provocar e chamar o casal à reflexão do que o substituir na sua responsabilidade e grandeza nessa linda vocação ao amor. Deus escolheu a vida conjugal como um sacramento da presença do seu amor. Se o chamado é tão alto, certamente muitas provações irão aparecer. Elas servem para realçar a qualidade desse amor.

Uma grande contribuição recebi de inúmeros casais que se fizeram próximos e souberam me apoiar e ajudar ao longo desses mais de quinze anos de sacerdócio. A convivência, a partilha de vida e o *carregar juntos a cruz* da vida de fé são uma grande escola para o sacerdote e os casais compreenderem suas vocações naquilo que têm em comum: serem um serviço à comunhão.

Uma contribuição notória e muito sólida que recebi foi do acompanhamento de trabalhos pastorais voltados à vida matrimonial e conjugal. Meu sincero agradecimento a todos do *Encontro de Casais com Cristo* (ECC), às *Equipes de Nossa Senhora* (ENS) e à *Pastoral Familiar*, pelo profundo enriquecimento que oferecem a nós, sacerdotes, em nosso ministério.

Especialmente a vocês, esposo e esposa, cabem a correção e o enriquecimento das páginas que seguem.

O que herdamos de nossos pais?

“O fruto não cai longe da árvore.” Esse ditado popular encerra uma sabedoria muito clara sobre o quanto dos nossos pais há em nós. Quer queiramos ou não, muito do que somos depende daquilo que nossos pais são ou foram.

Não me refiro apenas aos nossos componentes biológicos, ao nosso DNA e coisas do tipo, mas, sim, ao caráter, à cultura e aos medos que cada pessoa traz em si. Caráter, cultura e medo são elementos importantes na vida do indivíduo e, por isso, também são fatores essenciais a serem observados na vida conjugal.

Caráter

A palavra caráter indica o modo permanente como a pessoa enfrenta as coisas. É o *mundo individual*, se é que podemos falar assim, que nós criamos para enfrentar o *mundo exterior*. Você conhece bem o caráter dos seus sogros? Conhece as lutas que configuraram a vida deles? Quando o cônjuge consegue compreender o caráter dos seus sogros, tem mais facilidade de ligar com o comportamento do seu esposo ou esposa.

Antes que me esqueça, quando menciono que o caráter de nossos pais nos influencia, não quero dizer que apenas

construímos o nosso *copiando* alguma coisa do caráter dos nossos pais; às vezes, fazemos isso *rejeitando* ou *negando* o mundo de nossos pais.

Sobre a força dos costumes dos pais e da família em geral na formação do caráter, o Papa Francisco diz assim:

A família é a primeira escola dos valores humanos, onde se aprende o bom uso da liberdade. Há inclinações maturadas na infância, que impregnam o íntimo de uma pessoa e permanecem toda a vida como uma inclinação favorável a um valor ou como uma rejeição espontânea de certos comportamentos. Muitas pessoas atuam a vida inteira de determinada forma, porque consideram válida tal forma de agir, que assimilaram desde a infância, como que por osmose: “Fui ensinado assim”; “isto é o que me inculcaram” (*Amoris laetitia*, n. 274).

Recordo-me de Ana e Júlio.¹ O casamento deles ia se desfazendo, lentamente, mas com muito sofrimento. Ana reclamava que o marido era avarento, não aceitava gastos *além do necessário*. Mas Júlio entendia que pouquíssimas coisas eram indispensáveis. Ana não compreendia como poderia ser motivo de briga o fato de ter comprado um iogurte para o filho ou ter dado esmola na rua. Para Júlio, nada disso era necessário! Eles tinham seis anos de casamento, um filho de quase cinco anos, e, para ela, esses anos foram repletos de humilhação, de brigas por coisas mínimas.

Um dia Ana veio ao atendimento na paróquia dizendo não saber o que fazer da vida. Sua grande dúvida era: “Nós dois trabalhamos, temos uma vida financeira controlada e conseguimos mensalmente fazer uma reserva razoável. Hoje não estamos doentes, nem algo ruim, como o desemprego, nos atingiu. Mas, se brigamos por causa da compra de um iogurte, como seria se

¹ Em todas as histórias, os nomes são fictícios.

estivéssemos em uma situação de crise financeira? Ou, então, se tivéssemos que acolher em nossa casa os nossos pais, em caso de velhice ou doença?”. Conversamos sobre muitas coisas, mas dei a ela a seguinte tarefa: conhecer ou refletir um pouco sobre como o tema gastos e dinheiro foi vivido por Júlio, especialmente na infância.

Havia me esquecido da conversa, e semanas depois Ana retornou. Estava ainda bastante confusa. Sabia que o marido havia começado a trabalhar bem jovem, e também que o pai dele tivera problemas com alcoolismo e desperdiçara a vida em vícios... Mas ela nunca tinha conversado com a sogra nem com o marido sobre sua infância, para buscar conhecer certos detalhes. Em certa oportunidade, estive com a sogra e puderam conversar longamente sobre muitas coisas. Uma delas foi justamente a questão gastos e dinheiro na infância de Júlio.

Resumindo a história, Dona Esmerinda, com muita simplicidade, contou que, uma vez, no aniversário de Júlio, por causa das irresponsabilidades do pai, eles não tinham mais do que uma polenta para comer, que ela fazia nas horas de emergência. O menino sabia que a razão de ela fazer polenta era por não ter outra opção. Era seu aniversário de nove anos.

Conhecer um momento da vida de Júlio tão marcante como esse permitiu que Ana entendesse um pouco mais o comportamento dele. Talvez seu modo de agir não fosse apenas uma questão de avareza, de ambição por acumular mais e mais. Era, na verdade, um esforço para proteger filho e esposa, algo que seu pai não soube fazer. Ana nunca havia passado por algo semelhante, não sabia o que era contentar-se somente com o *indispensável*. As brigas agora até poderiam se repetir, e se repetiram muitas vezes, mas, no coração dela, aquilo não se tratava mais de uma forma de humilhação por gastos a mais. Era como, em um *espelho distorcido*, a confissão de não querer ver a família desamparada.

Cultura

Entre as coisas que têm certo peso na construção dos relacionamentos, especialmente da vida matrimonial, a cultura é um fator de grande importância. A cultura engloba todo o conjunto de ideias com as quais julgamos as coisas e nos identificamos com elas (ou não!), os símbolos que nos representam ou não e a maneira de estarmos no mundo. Se o caráter tem algo de bastante *pessoal*, a cultura é como a identidade de uma sociedade, de um povoado e também de uma família.

Nesse sentido, a cultura pode ser sintetizada nos ditos populares, nas frases com as quais interpretamos os fatos ou com as quais somos chamados à realidade. Pense no impacto desses ditados dentro de um povoado ou uma família: “A preguiça é a chave da pobreza”; “Deus ajuda a quem cedo madruga”; “Quando a esmola é demais, o santo desconfia”.

Muitos conflitos entre casais nascem de um choque cultural. Os dois não foram *treinados* para enxergar as coisas da mesma maneira. Não as avaliam nem tomam decisões do mesmo modo. E, por incrível que pareça, cada um tem certeza de estar certo e de que o outro é que está errado.

Sempre me divirto com esta lembrança: conheci um casal que discutia sobre o modo *certo* de descascar laranja. Obviamente o critério disfarçado de racional era, na verdade, a forma como cada um aprendeu a fazer isso com seus pais. Quantos casais hoje brigam por causa da forma de descascar laranjas...

André e Célia se conheceram na pós-graduação. Tinham bons empregos e se casaram pouco depois da conclusão da especialização. Apesar de terem se conhecido no ambiente universitário, o choque cultural entre eles foi incrível. Mas isso não chegou a causar crises graves no matrimônio, porque, graças à formação de ambos, tinham consciência das grandes diferenças que havia entre eles quanto ao modo de ver a vida.

André nasceu em São Paulo, filho de paulistas e neto de imigrantes italianos que vieram ganhar a vida no Brasil. Nasceu e sempre viveu em apartamento, com pais desconfiados de que amizade com vizinhos acaba gerando encrenca. Célia, por sua vez, era filha e neta de agricultores, natural de uma cidadezinha do interior em que boa parte da população era parente ou parente de parente dela.

Para André, a cidade e seus habitantes eram um mistério digno de distância e desconfiança. Já Célia não conseguia deixar de interagir com as pessoas, pois cada conhecido lembrava alguém da família...

Para ele, “família” era o pai, a mãe e suas duas irmãs, que ocasionalmente reuniam-se com os avós paternos e mais uma tia. Já ela, a mais nova de cinco irmãos, criada com primos e *agregados*, achava que muitas vezes o marido era isolado e egoísta. Por sua vez, ele sentia que a esposa não sabia a diferença entre conhecidos e amigos, entre amigos e família, entre família e parente...

Nunca tiveram grandes embates a respeito disso, mas, por exemplo, houve dificuldade para Célia chegar ao número de cinquenta convidados para o casamento, quando sua lista inicial beirava a 86 pessoas, enquanto a lista de André chegou a 36 pessoas, com muito custo! A cultura de cada um, herdada da família, estabelecia critérios diferentes quanto a considerar alguém importante e merecedor de testemunhar um casamento.

Quantas diferenças culturais existem entre os cônjuges! Quando os casais tomam consciência desse fato, conseguem superar muitos obstáculos. Uma atitude importante, nesse sentido, é a capacidade de *avaliar* os critérios que se usa para analisar as coisas. Será que muitas das chateações entre ambos não nascem do desejo de ensinar ao outro o jeito certo de descascar laranjas?!

Medos

O terceiro elemento de que todo cônjuge deve ter consciência, tanto em relação a si mesmo quanto a seu parceiro, é o medo. O medo é um tipo de alerta e uma forma de controlar as coisas que nos podem ameaçar, bem como a nossa existência. Ele pode ser ocasionado por ameaças reais ou irreais, prováveis ou improváveis, próximas ou remotas... Mas ele sempre pode provocar estragos e trazer grandes riscos a um casamento. Do que tenho medo? Do que meu cônjuge tem medo?

Pedro e Katarina se conheceram ainda crianças, no tempo de escola. Depois se distanciaram e, já adultos, se reencontraram, namoraram e casaram. Ela trabalhava em uma loja, com seus irmãos. Ele era representante comercial de uma empresa de médio porte, em ascensão.

As coisas não iam bem entre os dois. Katarina era extremamente ciumenta. E isso era complicado, porque o trabalho de Pedro exigia contato com pessoas de todos os tipos, homens e mulheres, de outras empresas. Recebia ligações fora do horário de serviço e mesmo nos finais de semana. A cada telefonema atendido, iniciava-se uma briga.

Katarina foi flagrada várias vezes mexendo nas coisas de Pedro. Seu ciúme e medo de ser traída não tinham limites. Ele chegou a dar à esposa a senha do e-mail e das redes sociais. Mas ela acreditava que o marido tinha outro e-mail e algum perfil escondido naquela rede social.

Quando Pedro me procurou, estava bastante angustiado. Mesmo quando recebia ligações fora de hora, elas nunca aconteciam depois das 22 horas, e ele não se retirava para longe para responder, mesmo que as reações e comentários da sua esposa muitas vezes atrapalhassem a conversa.

Nunca conversei com Katarina, era o marido quem me procurava para aconselhamento. E eu o orientava que não bastava

ser honesto, era necessário também evitar as situações ambíguas. Pedro insistia em dizer que não provocava situações ambíguas. O que lhe feria era que parecia que ela não conseguia acreditar nele, na palavra dele.

A história de Katarina, dos seus pais em específico, deixava tudo muito claro: sua mãe sofrera traição por parte do marido muitas vezes; o pai, antigo dono da loja onde hoje ela trabalha, muitas vezes traiu e foi perdoado, jurando não fazer mais aquilo, porém, nunca cumpriu com a palavra. A mãe de Katarina morreu relativamente jovem, de uma doença lenta e em um período da última traição do marido. Seu pai também já era falecido.

Mesmo sem a conhecer pessoalmente, era possível compreender toda a angústia que acompanhava Katarina. Não via na figura do pai um homem em que pudesse acreditar. Pensava em sua mãe como uma mulher cuja confiança ao marido sempre foi traída. Pedro precisava aceitar esse limite da esposa. Precisava ajudá-la a ver pouco a pouco que sua conduta era diferente. Era necessário que ela tomasse consciência de que seu medo era infundado.

Katarina trazia para seu casamento uma ferida aberta e que precisava ser curada...

Uma relação mal vivida com os seus pais e irmãos, que nunca foi curada, reaparece e danifica a vida conjugal. Então é preciso fazer um percurso de libertação, que nunca se enfrentou. Quando a relação entre os cônjuges não funciona bem, antes de tomar decisões importantes, convém assegurar-se de que cada um tenha feito este caminho de cura da própria história. Isto exige que se reconheça a necessidade de ser curado, que se peça com insistência a graça de perdoar e perdoar-se, que se aceite ajuda, se procurem motivações positivas e se tente sempre de novo (*Amoris laetitia*, n. 240).

Se, para Pedro, era doloroso entender a desconfiança da esposa, para Katarina, igualmente, era muito difícil imaginar passar

pela mesma situação que sua mãe. O marido precisou ter muita paciência para lidar com isso.

Hoje Katarina continua sentindo medo de que a história de seus pais se repita, mas, aos poucos, foi tomando consciência de que os fatos devem ser maiores que a memória, que o medo pode surgir, mas devemos estar atentos se sua causa é real ou ilusória.

Caráter, cultura, medo e o auxílio do cônjuge

Muitas pessoas que se divorciam dizem ter tentado de tudo. E não duvido de que tenham feito tudo o que podiam. Mas, talvez, nunca tenham tido a oportunidade de refletir sobre coisas tão fundamentais como essas que estão *debaixo* de tantos conflitos e sofrimentos.

Por que seu esposo ou esposa age, pensa, se comporta de determinada forma? Até aqui a leitura permitiu a observação de alguns aspectos que podem condicionar os relacionamentos, especialmente o relacionamento matrimonial. Conhecer esses elementos nos permite perceber que nossa relação com o outro pode ajudá-lo a superar suas dificuldades, a sair dos paradigmas que o prendem. O cônjuge, conforme diz a Escritura, é sempre um “auxiliar” do outro (cf. Gênesis 2,18), tem a missão de salvar, de libertar.

Nem sempre é simples como dizer: “Ele (ou ela) não quer, não entende, não muda”. Muitas vezes, a pessoa não tem a bagagem necessária para fazer as mudanças de que precisa. No matrimônio, a comunhão não é apenas do amor e dos corpos, é também da história, da consciência e da liberdade.

Anote aí...

Tente fazer uma lista das principais características do caráter, da cultura e dos medos do seu cônjuge, e anote também as

diferenças dele em relação a você. Em que você pode ajudá-lo?
Em que ele ou ela pode lhe ajudar?

CÔNJUGE

EU

Caráter herdado dos pais

| | |
|-------|-------|
| _____ | _____ |
| _____ | _____ |
| _____ | _____ |

Cultura

| | |
|-------|-------|
| _____ | _____ |
| _____ | _____ |
| _____ | _____ |

Medo

| | |
|-------|-------|
| _____ | _____ |
| _____ | _____ |
| _____ | _____ |